

82.09:2

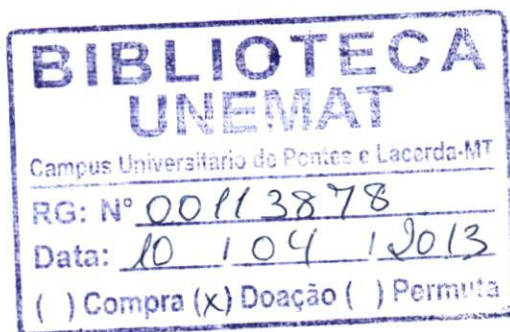
S 719D

C92464381

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MÁRCIA CRISTINA DE SOUZA

SAGRADO X PROFANO: A IMAGEM DO HOMEM EM QUESTÃO NO
ROMANCE *OS SEMELHANTES*



Pontes e Lacerda – MT

2012

MÁRCIA CRISTINA DE SOUZA

**SAGRADO X PROFANO: A IMAGEM DO HOMEM EM QUESTÃO NO
ROMANCE *OS SEMELHANTES***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da UNEMAT- *Campus* de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Letras. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Madalena Aparecida Machado.

Pontes e Lacerda – MT

2012

BANCA EXAMINADORA

Prf^a. Dr. Madalena Aparecida Machado
(Orientadora)

Prof^o. Me. Gislei Martins de Souza

Prof^o. Dr. Helvio de Moraes Júnior

RESUMO

Este trabalho foi escrito como forma de compreender as características poéticas na obra *Os semelhantes* (2011), de Ricardo Guilherme Dicke. Nele encontramos entre outros, diversos símbolos pelos quais o escritor nos revela a manifestação do sagrado na região do sertão mato-grossense e, através de uma leitura crítica quanto ao espaço/tempo, procuramos identificar como o mundo pode ser visto de várias maneiras dentro da narrativa. Assim, fazendo uso de um vasto material teórico tais como as obras de Mircea Eliade, Benedito Nunes, Émile Durkheim, [...] para uma interpretação mais condizente com o romance, empreendemos um olhar voltado à descoberta do que somos na leitura da prosa de ficção brasileira feita em Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: espaço/tempo, sagrado/profano, Dicke.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO.....	06
I- CAPÍTULO: A Literatura, O escritor e a Imagem.....	08
II- CAPÍTULO: Espaço e sacralidade.....	17
III- CAPÍTULO: Tempo e a experiência do sagrado.....	27
3.1- Imagem de civilização.....	28
3.2- Desestrutura familiar: ocorrência e repercussão.....	30
3.3- Transformação.....	32
3.4- O efeito do tempo.....	40
CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

INTRODUÇÃO

As pesquisas realizadas para este trabalho foram com o intuito de compreender como o autor Ricardo Guilherme Dicke, escritor mato-grossense, buscou de uma forma literária, ficcional, resgatar as culturas de um povo, imigrantes que formaram o Estado de Mato Grosso enfrentando as dificuldades do espaço que antes, rico em grandeza, belezas naturais e minérios preciosos, porém era precário no que diz respeito ao progresso, com normas e leis. Deste modo, as diferenças sociais eram muitas impondo ao homem sertanejo viver de forma humilde, mas não conformado com a situação, idealizava sonhos e cometia diversas atrocidades, vistas por uma imagem de civilização como bárbaras, violentas, imorais.

O objetivo deste trabalho consiste em compreender e identificar como o sagrado se manifesta dentro da narrativa através da poética do autor na obra *Os semelhantes* (2011), para tanto utilizamos alguns conceitos teóricos de filósofos como Ernst Cassirer (2001), Émile Durkheim (2003), Gianni Vattimo (2002), Mircea Eliade (s/d) e, teorias literárias de Mikhail Bakhtin (1998), Gaston Bachelard (1993) e crítica como Benedito Nunes (1995), entre outros.

O autor resgata um tempo/espaço em que os valores e pensamentos eram outros, por isso ao lermos suas obras somos levados a refletir sobre os nossos comportamentos, em que nos transformamos e, como deixamos de lado os valores de nossos antepassados, aqueles que foram se apagando com os progressos capitalistas, pois nos voltamos para o consumismo e esquecemos o que é realmente importante, os sentimentos e não a matéria.

Este trabalho foi elaborado em três capítulos, o primeiro deles “A literatura, O escritor e a Imagem”, traz uma breve introdução sobre questões da literatura pós-moderna, pelas características voltadas às reflexões críticas oriundas de contradições, pois se opõem ao convencionalismo, no entanto, resgatam o passado com retorno da história divulgada através de imagens e situações depuradamente críticos. Em sequência, o perfil do conjunto da obra do escritor juntamente com alguns relatos sobre a época que residiu no solo mato-grossense e, como suas memórias influenciaram em sua escrita poética.

No segundo capítulo, “Espaço e sacralidade” é dedicado um estudo sobre o espaço fictício, a fidelidade na constituição das vilas como espaço sacralizado e, como o homem sertanejo lutava para se estabelecer e sobreviver no sertão mato-grossense, a maioria imigrantes, vieram atrás da realização dos sonhos em estabilizar a vida através da extração de ouro e diamante nos garimpos.

Já o terceiro capítulo, “O tempo e a experiência do sagrado”, enfoca a história fictícia de todos os personagens revelando os sonhos, desejos de união, casamento e, como esses

sentimentos se desfizeram perante a ambição na posse de um diamante transformando o comportamento de todos diante do próximo, aquele que julgava ser um amigo, um parente, um grande amor, etc. A transformação de personalidade, caráter, dos seres fictícios levou a todos a cometer atos que influenciaram no futuro, deste modo, a passagem do tempo os atormentou como um inimigo, pois sempre os mostrava através das lembranças, como também na própria imagem o que se tornaram devido às escolhas do passado.

Ricardo Dicke apesar de manter uma preferência pelo espaço mato-grossense nas narrativas, seus temas são diversificados com personagens que caracterizam os valores e pensamentos que fizeram parte da história de Mato Grosso, representam o povo sertanejo com questões referentes à natureza humana, as tramas narrativas repercutem num cenário regional, contudo voltado para as relações sociais, sendo assim, sua literatura não se destaca como regionalista, pois abrange referências que caracterizam o homem e a sociedade em geral e não somente local.

I- CAPÍTULO: A Literatura, O escritor e a Imagem

Nosso mundo se tornou em muito um universo digital, mundo das máquinas, onde tudo se resume à velocidade, progresso, etc. O homem virou escravo da própria criação, um universo artificial, um mundo em que o capitalismo reina e o consumismo impera. Este mundo pautado pela modernidade, palavra que podemos dizer é sinônimo de riqueza, beleza, poder. Mas que, no entanto, trouxe também junto com este modo de viver, fraqueza e esquecimento, pois o homem virou refém deste universo deixando de lado o que o constitui como ser humano, sua verdadeira natureza.

Quanto mais a humanidade se preocupa com o que é material, substancial, aquilo que não podemos tocar nem ver perde o seu valor se tornando irreal, sem sentidos, quando na verdade é o oposto. Sonhos, desejos, saudades, esperança, alegria, sofrimentos e vários outros abstratos, pois não podemos tocá-los, não são matérias, mas que são eles que fazem parte da verdadeira essência do ser humano, precisavam ser resgatados e trazidos de volta para nosso meio. Algo que pontuamos na era pós-moderna como o resgate da sensibilidade perdida para a automação.

Críticos, estudiosos e filósofos, deixaram as diferenças de lado e apostaram na conscientização com o retorno do passado, trazer de volta o que um dia foi importante e significativo, como também ao contrário, enfim, história vista com um olhar depuradamente crítico. Esta veio através da arte segundo palavras que encontramos nos estudos de Linda Hutcheon, *Poética do pós-modernismo*, (1991) “como um desafio libertador que vai contra uma definição de subjetividade e criatividade que ignorou durante um período demasiadamente longo a função da história na arte e no pensamento” (p.29). Esta libertação seria através de reflexões críticas oriundas de contradições, pois “a arte pós-moderna afirma de maneira idêntica, e depois ataca de maneira deliberada, princípios como valor, ordem, sentido, controle e identidade” (HUTCHEON, 1991, p.31).

A literatura pós-moderna segundo Hutcheon (1991), “problematiza tanto a natureza do referente como a relação dele com o mundo real, histórico, por meio de sua combinação paradoxal da auto-reflexibilidade metaficcional” (p.38), e muitos tomaram este recurso de retomar o passado como “nostalgia sentimental” segundo a autora, para ela é um pensamento ingênuo, porque esta literatura veio como uma “reavaliação e um diálogo em relação ao passado à luz do presente”, sendo que para o Pós-modernismo não há negação quanto ao passado e sim questionamento, pois só é possível “por meio de seus restos textualizados” (HUTCHEON, 1991, p.39).

Já para Zygmunt Bauman, na sua obra *O mal-estar da pós-modernidade* (1998), texto escrito alguns anos depois de Hutcheon (1991) encontramos a mesma concepção, “a arte contemporânea parece preocupar-se, mais do que qualquer coisa, em desafiar, derrubar tudo o que é aceitação social” (p.132). Segundo ele, nas obras pós-modernistas encontramos um “esforço heróico” do artista em dar “voz ao inefável” (p.134), através das imagens artísticas, pois, “a vocação da ficção artística é servir de irônica e irreverente contracultura a cultura tecnológica científica da modernidade, essa cultura de paixão ordenada, divisões nítidas e disciplina retesada” (p.151). Esta é uma das opiniões expressas por críticos literários que reforçaram os seus estudos sobre o assunto, o qual ele conclui escrevendo que, “num mundo dominado pelo medo mortal de tudo o que é contingente, opaco e inexplicável, a ficção artística é uma contínua sessão de treinamento para viver com o ambivalente e o misterioso” (BAUMAN, 1998, p. 151).

Gianni Vattimo é outro escritor que se dedicou a escrever sobre o fim da modernidade, inclusive é título de um de seus livros sobre o assunto, neste ele explica que as,

novas condições de vida impostas sobretudo pela estrutura da cidade moderna são vistas, antes, como um desarraigamento do homem dos vínculos tradicionais – poderíamos dizer de suas bases na “comunidade” orgânica da aldeia, da família, etc (VATTIMO, 2002, p. 23)

Segundo ele, este desarraigamento é tomado pela concepção de Nietzsche e Heidegger como o processo do fim do ser, pois ele está esquecido pelo homem, mas ainda há uma solução, não está por completo “dissolvido nem desaparecido”. Para o primeiro, todo este processo de esquecimento está na “desvalorização dos valores supremos” já para o segundo, “o ser se aniquila na medida em que se transforma completamente no valor” (VATTIMO, 2002, p. 04). Estas palavras significam que na medida em que o ser vai se apegando ao mundo o qual o transformamos, artificial, objetivo, racional, condicionados a uma vida somente para os bens de consumo, material, ele esquece cada vez mais de quem é.

A humanidade está voltada para um mundo técnico, “uma formação do homem centrada nas ciências e nas habilidades produtivas racionalmente dirigidas, ou seja, no plano da organização social e política” (p. 20). Deste modo, sendo cada vez mais “ultrapassados”, e quanto mais o homem se entrega a este universo, se torna “sujeito do objeto”, porque “quanto mais à subjetividade se modela na objetividade científica torna-se pura função dela” (VATTIMO, 2002, p.32). Este modo de vida afastou o homem de suas origens, sua natureza, o que o constitui como ser humano, havendo um apagamento do ser, o homem se tornou um

reflexo do universo que ele construiu, um mundo descartável, prático, funcional, concebido com base na ideia de desenvolvimento progressivo.

De acordo com Vattimo (2002), a ideia de progresso domina como característica da modernidade. Sendo que, a diferença entre esta modernidade e pós-modernismo é:

A pura e simples consciência de – ou pretensão – de representar uma novidade na história, uma figura nova e diferente na fenomenologia do espírito, colocaria de fato o pós-moderno na linha da modernidade, em que domina a categoria de novidade e de superação. No entanto, as coisas mudam se, como parece deva-se reconhecer, o pós-moderno caracterizar não como novidade com relação ao moderno, mas também como dissolução da categoria do novo, como experiência de fim da história, mas do que como apresentação de etapa diferente, mais evoluída ou mais retrógrada, não importa, da própria história (VATTIMO, 2002 p. IX).

A questão é que novas fundamentações na concepção de vida do homem seria encarado como algo novo, progressivo. E, o homem está condicionado a esta rotina, viver de superações através do novo, faz parte do sistema, todos os dias são construídos novas coisas, reformulados novos programas, tudo para não parar este sistema de vida que ele construiu, conhecido como “desenvolvimento da técnica” o qual encontramos em Vattimo como “secularização da própria noção de progresso”, que segundo ele é

A história que, na visão cristã, se apresentava como história da salvação tornou-se, primeiramente, busca de uma condição de perfeição intramundana e, depois, progressivamente, história do progresso. Mas o ideal do progresso é vazio, seu valor final é o de realizar condições em que sempre seja possível um novo progresso (VATTIMO, 2002, p.XIII)

Por isso que ao invés de algo novo e progressivo, o Pós-modernismo é caracterizado pelo regresso, retorno ao passado, o que já é existente, contudo dissimulado através de visões unitárias, geralmente quase sempre acompanhando uma ideologia política, estou me referindo às histórias, deve haver uma dissolução, isto é, romper com todos os conceitos, modos que são transmitidas e não o seu fim. Esta transmissão deve ser no sentido plural e verdadeiro, pois assim como temos as histórias de acontecimentos bons, também temos as tragédias e decepções, as cidades metrópoles e as favelas, lugares onde há muita fartura, como também pessoas passando fome, etc. Deste modo, compreendendo que as culturas são diversificadas com linguagens várias, assim não pode haver uma hierarquização da mesma.

Este processo é que Vattimo (2002) chama de dissolução e, é rompendo com tudo aquilo que conhecemos como pronto e acabado, disseminados através uma concepção de caráter ideológico que a humanidade terá uma chance, assim como podemos ver em suas próprias palavras: “o niilismo não é o ser estar em poder do sujeito, mas o ser se dissolver completamente no dis-correr do valor, nas transformações indefinidas da equivalência universal” (VATTIMO, 2002, p. 6). Mas, como o niilismo seria nossa única chance? A resposta para esta pergunta na concepção de Vattimo (2002) é através da fenomenologia, o retorno da religião.

O reconhecimento do místico como parte da cultura ocidental teve grande repercussão no universo filosófico no século XX, com isso ocorre a concretização da consumação do niilismo. Esta acontece quando o ser se apega nos valores supremos, se afasta dos valores terrenos, a “refundação da existência, num horizonte subtraído ao valor de troca e centrado no valor de uso”. Contudo, “a perspectiva de reapropriação perdeu precisamente seu significado de norma ideal” (VATTIMO, 2002, p.9) sendo analisado como algo desnecessário. A questão é que os valores supremos não são reconhecidos pela metafísica, na verdade são considerados como desprezíveis, porém a volta deles “são resgatados para a sua verdadeira dignidade”, isso:

à desvalorização dos valores supremos , à morte de Deus, só se reage com a reivindicação – patética, metafísica – de outros valores mais verdadeiros (por exemplo: os valores das culturas marginais, das culturas populares, opostos aos das culturas dominantes; a eversão dos cânones literários, artísticos, etc) (VATTIMO, 2002, p.11)

Partindo dos sistemas déspotas da metafísica, a literatura abre espaço para as diferenças culturais, pois é na heterogeneidade que encontramos a verdadeira essência do homem, é reconhecendo e respeitando as diferenças, assim como encontramos nas palavras de Hutcheon (1991):

E, a partir da perspectiva descentralizada, o marginal é aquilo que vou chamar de ex-cêntrico (ou seja, em termos de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia) assumem uma nova importância, à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monólito homogêneo (isto é, masculina, classe média, heterossexual, branca e ocidental) que podemos ter presumido (HUTCHEON, 1991, p. 29)

Assim como uma sociedade e as culturas se faz da coletividade, os sentimentos religiosos também, e estes tomaram formas de imagens e símbolos nas artes contemporâneas, em que verdade e ficção caminham juntos, com retorno e rememoração revivendo aquele tempo e espaço em que a humanidade acreditava na força da natureza e dos espíritos conservando e respeitando o seu universo como forma de garantir a sobrevivência. Os contrastes tanto social, quanto do tempo, o futuro buscando no passado a esperança de uma geração que vive num mundo avançado tecnologicamente, e usar estas tecnologias para retornar ao começo quando as coisas eram conhecidas como primitivas e ultrapassadas, é estranho se não pararmos para pensar o seu verdadeiro propósito.

Devemos voltar ao passado para ver em que transformamos o nosso presente, refletir sobre os caminhos que decidimos percorrer para chegar até aqui, se eram mesmos necessários ou não, a causa e efeito, como era nosso planeta e a sociedade e, o que fizemos com ele e em que nos transformamos. Este é o nosso objetivo neste trabalho, faremos isto através de leituras críticas da obra *Os semelhantes* (2011) de Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008) romance em que buscaremos compreender este retorno a elementos fora do plano terreno na compreensão da vida.

Para tanto, traçaremos inicialmente um perfil do conjunto da obra do escritor mato-grossense com vistas ao aprofundamento do citado livro nos demais capítulos. Dicke iniciou a carreira no meio literário ao receber o prêmio Walmap pela publicação do livro *Deus de Caim* em 1968. Este foi o primeiro de vários outros prêmios que o autor recebeu ao longo de sua carreira como escritor, a qual se iniciou com a obra *Caminhos de Sol e Lua* publicada em 1961 e encerrando em 2001 com a obra *Salário dos poetas*, que inclusive virou peça de teatro apresentado em Lisboa, 2005. Contudo, mesmo depois de sua morte em 2008 tivemos mais 4 obras publicadas, uma coleção publicada por Carlini & Caniato em 2011, da qual escolhemos uma para a elaboração deste trabalho, *Os semelhantes*, para refletir sobre as questões humanas e escolhas existenciais.

Dicke é natural de Raizama, uma vilinha na região de Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, Estado onde permaneceu boa parte de sua vida. De acordo com Rodrigues e Soares (2010), a infância do autor não é muito conhecida, mas podemos dizer que,

[...] cresceu cercado pelo ronco dos aviões, caminhões e pelas idas e vindas que o processo migratório trouxe à região no início do século XX. Muitas informações perderam-se no tempo ou simplesmente foram deixadas de lado por aqueles que só o conheceram anos depois, quando já estava inserido nos círculos de cultura mais privilegiados de São Paulo e do Rio de Janeiro. O resto perdeu-se nas memórias dos que conviveram com ele no seio de sua família formada por homens do garimpo,

homens que perseguiram o sonho da riqueza em Coxipó do Ouro (RODRIGUES e SOARES, 2010, p. 97)

O romancista cresceu no interior mato-grossense, em meio à persistência pelo progresso, onde o homem vivia em uma constante luta pelas riquezas dessa terra, alvo de muitos imigrantes até mesmo de sua própria família, pois seu pai João Henrique Dicke, era de nacionalidade alemã. A infância dele ficou sim na memória dos que com ele conviveu, porém não podemos desprezar a memória do próprio autor, que escolheu justamente narrar sobre esta terra e este povo que fizeram parte de sua infância e adolescência. Dicke em suas narrativas nos revela preferência pelo espaço geográfico mato-grossense, a memória de tempo/espaço trabalhado em suas obras chama a atenção, como também seus personagens que através do imaginário criam a perspectiva do próprio tempo/espaço e, através dos pensamentos e questionamentos estão sempre em busca de uma nova existência, a vida em sua totalidade aberta para o mundo, o universo.

Ele, que também era artista plástico transforma a sua literatura em grandes obras de arte, pois ao narrar nos leva para o mundo que é vivo e colorido, suas narrativas são minuciosamente detalhadas com parágrafos longos e até fatigantes, porém, nos prende no ato da leitura, porque as palavras soam como poesia e ao mesmo tempo são reveladoras da condição social e cultural do povo, como na citação abaixo que diminuímos, mas não tiramos sua essência,

O lampeãozinho queimava pouco, pisca-piscando, pouco a pouco se apagou num estalido. Estrelas brilhavam tanto que pareciam estar cá dentro. Escuro que se pegava a escuro. Fechou os olhos. Sentiu um chio e um sopro que varou o quarto [...] Miolo da noite é meia-noite, trevas em redoma de veludo (DICKE, 2011, p.14)

O modo como Dicke conduziu sua literatura não o consagrou nos cânones da literatura contemporânea brasileira. Segundo Everton Almeida Barbosa (2009), apesar de manter diálogo com artistas da nova geração da Academia Mato-grossense, o autor não tomava partido, nem pelo ufanismo, nem pela constituição de um mercado que visava um público leitor e “sua literatura foi vinculada a um tipo novo, que Assis Brasil (1979) define como “nova literatura”, sob a influência de Guimarães Rosa e Samuel Rawet”. Mas, apesar de Dicke manter sua escolha de originalidade e não se associar “a tradição literária regionalista da Academia Mato-grossense” (p.160) suas obras apresentam características literárias de qualidade estética considerável.

Ricardo Dicke, assim como todo ser humano teve que fazer escolhas na vida, e mesmo sabendo que a sua forma e estética literária não entravam nos conceitos exigidos para se consagrar nos cânones da literatura contemporânea, decidiu ficar do lado de suas origens, sua terra natal, e através das narrativas expor qualidades e defeitos, refletindo valores e problemas através da voz dos personagens.

Para compreendermos melhor o valor do espaço habitado, nas obras de Dicke mais especificamente apresentado como sertão mato-grossense, a terra natal, nos pautaremos em Gaston Bachelard, *A poética do espaço* (1993) na qual ele escreve, “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (p.25), o homem ao se apegar a um lugar deve dizer como habita este espaço “de acordo com toadas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos” (BACHELARD, 1993, p.24).

O romancista mato-grossense dedicou anos de sua vida compondo, mostrando a beleza e os desafios enfrentados na terra que manteve viva em sua memória, suas lembranças eram passadas para o papel e, através delas qualquer pessoa pode reviver um pouquinho daquele universo através da leitura de seus livros.

Naquelas narrativas podemos ver as imagens dessa terra e, através do imaginário conhecer como as vilas do interior eram pequenas e habitava um povo batalhador, cheios de esperança em mudar suas condições, onde a vida seguia seu curso e as transformações chegavam devagar,

[...] As duas passaram umas moradias, desembocaram num ladeado de casachoupanas, num grande aberto onde vagavam cavalos e bois peados. Aqui e ali gente. Em torno eram matos que se espalhavam longe. [...] Entravam na casa, cuja porta estava cheia de sinais-salmão e de ferros de marcar gado. No quintal, a avó dependurava as roupas para secar. Romanita encheu uma caçamba no poço, foi regar umas roseiras junto à parede atrás da cozinha. No telhado, nos muros, pombas voavam num revo de branco. As paredes ali tinham orifícios circulares, pretos de fuligens e picumãs, onde as pombas sussurravam. Era o tempo em que as mangueiras começam a brotar seus pequeninos verdes. Elas se estendiam quintal afora até os cerrados milharais que chegavam à beira do rio (DICKE, 2011, p. 18,19)

Nesta citação observamos que Dicke consegue nos mostrar até mesmo os sinais de rotina deste povo, por isso não podemos deixar despercebido nenhum detalhe em sua narrativa, porque todas as palavras escritas pelo autor em suas obras têm um significado, por

mais vulgar e simples que pareçam, são de fundamental importância para entendermos sobre o povo, os sertanejos. Um exemplo, “as fuligens e picumãs”, descritos nesta citação, revelam a simplicidade como eles viviam em suas pequenas vilas, cozinhavam em fogão de lenha, usavam para iluminação lampiões e lamparinas, mas também podemos juntá-los com os ferros de marcar bois e os grandes abertos na mata e tomá-los como indicadores das transformações que a terra passava, tanto das paisagens, as florestas, como também da própria existência deste povo.

As fuligens e os picumãs são simplesmente matérias insignificantes, contudo, dentro das narrativas de Dicke simbolizam tanto a humildade das moradias e a rotina de seus moradores, como também um suposto progresso, as florestas sendo devastadas e queimadas dando lugar a lavouras e pastos para o cultivo de alimentos e a criação de gado. Digo suposto por ser uma ilusão, já que a natureza foi destruída dando lugar à modernidade corrompendo o homem, fazendo-o cair num esquecimento profundo de suas origens. Será por esse motivo que ele decidiu escrever sobre sua terra e costumes? Porque mesmo conhecendo outros horizontes, as grandes capitais como, Rio de Janeiro e São Paulo, voltou para suas raízes não as abandonando em nenhum momento, pois todas as obras retratam Mato Grosso e o povo desta terra.

Na citação ainda temos, o animal que habitava o mesmo espaço que o homem, uma ave, a pomba, simboliza mudanças, renovação, pois assim como as mangueiras que estão na sua fase de brotos descrita pelo autor, se renovando, o homem e sua casa também passam por este processo, todos os dias sofrem mudanças, positivas ou negativas, mas sempre com o objetivo de evoluir cumprindo também o seu ciclo.

De acordo com Bachelard (1993), a casa é como um elemento vivo que nos faz evocar por meio dos devaneios as nossas lembranças e, unidos memória e imaginação, nos levam às lembranças e imagens. “Assim a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias mais antigos” (BACHELARD, 1993, p.25). Estes tesouros são as lembranças, pois elas nos fazem recordar momentos em nossa vida, dos quais temos saudades, que foram importantes e, ao lembrá-las revivemos sentimentos de proteção, aconchego, felicidade, como também dos momentos de desesperos e angústias. Revivemos lembranças que ficam guardadas na memória, mas que da imaginação elas vem à tona através de imagens, como por exemplo: brincadeira de infância, reuniões de família, conversa com os amigos, primeiras paixões, tradições, rotinas, costumes, enfim, tudo que nos reconforta ao lembrar ou ao contrário, nos amedronta.

Sabemos que Dicke teve sua infância no interior, numa época em que ainda se conservava algumas tradições e costumes, e podemos revê-las em seus romances, as histórias contadas pelos mais velhos e passadas de gerações, as reuniões num ponto central da cidade para conversa com os amigos ou tocar modas de viola, sentar na frente das casas para se inteirar das novidades com a vizinhança e vários outros costumes que aos poucos com a correria da vida moderna, capitalista, passaram a existir somente nas lembranças de quem viveu esses momentos de união, fraternidade, como nesta citação abaixo:

_ Onde que a senhora aprendeu tanta coisa, vovó?

_ Eu também já tive uma avó e, quando tinha a sua idade, como agora, assim mesmo, aqui na beira deste rio, ela me contava o que sua avó lhe tinha contado, e assim até os fins dos tempos. Há coisas, minha neta, que só as avós conhecem (DICKE, 2011, p. 15)

Para Bachelard (1993, p. 26), “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. Só os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos”. Dos devaneios, as imagens surgem através das lembranças e são transmitidas adiante, em um poema, ou uma narrativa, assim como vimos em Dicke ao escrever sobre os sertanejos, entramos no seu universo imaginário e formamos o nosso próprio, pois ativamos nossas lembranças das suas e sonhamos o mesmo espaço. Conhecemos os valores da casa, sua terra natal, em tempos em que a natureza ainda conservava as riquezas naturais e o povo as crenças e tradições.

II - CAPÍTULO: Espaço e sacralidade

Os semelhantes, obra escrita por Ricardo Dicke em 1970 e publicada recentemente em 2011, narra o universo dos sertanejos do interior mato-grossense, por isso nos dedicaremos a estudar a manifestação do sagrado daquele tempo/espço fictício, como são construídas as vilas, as comunidades que fizeram parte da história real do próprio autor. Primeiramente estudaremos o espaço, sertão mato-grossense, contudo, esclarecemos que esse estudo não será no sentido territorial, geográfico, mas buscando o universal.

A narrativa revela a história de personagens que tem os seus destinos amarrados e ao mesmo tempo desunidos pelo desejo e a ambição na vida, proporcionada através da posse de uma pedra de diamante, todos inicialmente são muito humildes e simples, moram na Vila Aguassu e no garimpo Coxipó do Ouro e Serrilha. O enredo é dividido em duas partes, presente e futuro.

Na primeira parte do romance temos o espaço habitado, uma vila, do interior mato-grossense com seu povo, cultura, rotinas e costumes, formados pelos imigrantes que vieram de várias partes do mundo com a finalidade de também conquistarem aqui o seu espaço através do garimpo de ouro e diamante, onde podemos conhecer um pouco a história de cada um, a maioria jovens ainda, vivem em meio aos sonhos em constituir uma família. Os personagens que desencadeiam toda a história são: Abadia, um homem negro e garimpeiro que se descrimina, pois seu sonho é casar com Umbelina, uma moça prostituta, porém branca, na visão dele, mulheres da elite. Romanita, moça humilde e simples, descobre o amor em Rosendo, um rapaz garimpeiro filho de Antônio Gúrgéis, um homem maltratado pelo tempo e a dor na procura pelo filho Romão, desaparecido desde bebê.

Na segunda parte temos o desfecho marcado pelos seus destinos que seguiram rumos diferentes devido às escolhas do passado. Abadia que já era um assassino transformou-se em um homem miserável, um mendigo. Umbelina envelheceu esperando-o ir buscá-la para se casarem; Romanita de moça simples e ingênua transformou-se em uma mulher rica, solitária e dona de casa de mulheres; Rosendo transformou o seu amor por Romanita em ódio; Antônio Gurgéis peregrinou por todos os sertões mato-grossenses na esperança de encontrar seu filho perdido. O que inicialmente era visto com um elo na união dos casais, foi o causador de seus destinos trágicos: a pedra de diamante os corrompeu, estética e moralmente.

O objetivo deste trabalho é buscar compreender como o sagrado se manifesta desde a imagem do homem religioso na narrativa e questionamentos dos personagens, como também os símbolos que fazem parte dos textos ficcionais do autor, pois Dicke é um romancista que

abarca em suas obras tudo o que envolve o nosso mundo, transformando em elementos simbolicamente significativos, assim como o homem religioso que vê o universo como um ser transcendental, ele compôs esta obra através da imagem de quem procura se compreender no mundo.

Nesta obra, Dicke descreve a rotina do homem sertanejo com suas aflições, transformações de comportamento e de sentimentos, enfim, tudo o que envolve o ser humano na sua existência e o mundo aonde vive, portanto o seu espaço também é muito importante, pois é nele que estão suas reminiscências.

Diante da significação do que representa o espaço habitado o vemos como um lugar sagrado. Por isso nortearíamos nossa pesquisa com embasamento teórico em *O sagrado e o profano*, de Mircea Eliade (s/d), pois de acordo com ele a manifestação do sagrado está no olhar que lançamos em determinado lugar ou objeto, por exemplo, o sagrado pode manifestar até mesmo em uma simples pedra, esta continua sendo uma pedra fazendo parte do nosso mundo natural, como ele mesmo coloca, profano, mas o homem religioso vê a essência das coisas e não a aparência, por isso a manifestação é “algo de ordem diferente – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo” (ELIADE, s/d, p.26), por que:

[...] para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, a sua realidade imediata transmuta-se numa realidade sobrenatural. Por outros termos para aquele que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é susceptível de revelar-se como sacralidade cósmica. O cosmos na sua totalidade pode tornar-se uma hierofania (ELIADE, s/d, p.26).

Eliade (s/d) adotou o termo “hierofania” para se referir quando o sagrado é manifestado, esse termo etimológico, significa, “a saber, que algo de sagrado se nos mostra”(p.25). Segundo ele, os primitivos e os homens das sociedades pré-modernas, “o sagrado equivale ao poder, e, no fim de contas, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser” (p.27). O sagrado se manifesta no que é significativo, representativo para nós, é essa razão dele ser existente, por isso que podemos dizer que há espaços diferentes uns dos outros porque, “o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes dos outros” (ELIADE, s/d, p. 35). Nesta concepção de sacralidade, também temos Émile Durkheim (2003), em seus estudos sobre as origens da religião descobriu que o sagrado surge de sentimentos coletivos. Um exemplo sugerido por ele à bandeira, esta é somente um pedaço de tecido, mas através do pensamento social se torna diferente devido às

atribuições de valores impostas pela sociedade, deste modo, “do objeto mais vulgar, elas podem fazer um ser sagrado e muito poderoso” (p. 237).

É este espaço diferenciado que encontramos na narrativa de Dicke, ele descreve a paisagem, a natureza, o cotidiano dos personagens nos seus afazeres de modo especial, levando o leitor através do seu imaginário a formar imagens desse espaço fictício, porém com uma forte representação histórica e cultural de um povo

As duas mulheres lavavam roupas à beira do rio, sob um enorme jatobá que enchia, com sua sombra, o chão vermelho cheio de formigueiros. [...] Atrás delas, uma estradinha se desenhava fina e contorcendo, a descer a beira dos altos barrancos pela terra cor de sangue e se perdia entre os arbustos, sob os jatobazeiros dispersos, onde brincava um cão (DICKE, 2011, p.14)

No decorrer da narrativa percebemos que a história se trata de um momento muito importante em Mato Grosso, a sua formação, pois estava sendo colonizado por imigrantes de outros Estados e países na busca de estabilizar a vida com a extração de ouro e diamante no garimpo, Coxipó do Ouro e Serrilha, onde percebemos a luta desses homens por aquilo que era considerado como salvação para uma nova existência, pois eram interpretados como “[...] homens maludos, e mal-encarados, que só bichos, as pelejas, os duelos por ninharias, as doenças, as febres” (DICKE, 2011, p.21), morando em acampamentos, malocas de palha na beira do rio, homens que sabem que seu destino é incerto

Quem é que já matou outro homem, um semelhante, e ficou em seu lugar, em lagos calmos, como se nada? A pois, ele matara um ... Sempre tivera vontade, desde toda sua vida. E vida é para isso, para matar ou morrer. Agora, subitamente, sabia. Mas sentia medo, um medo no seu mais íntimo que crescia desde as origens fundas em direção do seu futuro (DICKE, 2011, p.31)

Da imagem destes homens, dispostos a tudo, é que a região do sertão mato-grossense foi formada, com os seus sacrifícios, pois muitos abandonaram suas casas, terra natal, família, tudo pela significação do que o ouro e o diamante representavam, a esperança por um futuro melhor. Esta terra era farta, com suas florestas abundantes, bichos silvestres e muitos minerais. Pelas riquezas era vista como terra prometida, representava um começo para muitos que nela se estabeleceram construindo um novo mundo, constituíram novas famílias, novas casas, novos costumes e tradições, conquistaram este espaço e se organizaram,

transformando-o em comunidades. Segundo Mikhail Bakhtin (1998), em seus estudos sobre o gênero romance, “os indícios do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico” (p.211). Nestes estudos ele também relata mitos literários que se referem à formação do espaço da seguinte forma:

cada localidade, desde a sua denominação até as particularidades do relevo, do solo, da vegetação e outros, deve ser explicada por um acontecimento humano que aí ocorreu e que determinou o seu nome a sua fisionomia. A localidade é a marca do acontecimento que lhe deu forma (BAKHTIN, 1998 p.302)

Este ritual, o da conquista e ocupação de um espaço é visto como uma cosmogonia, que quer dizer, segundo Eliade (s/d), criando-o de novo, transformando-o em nosso mundo, porém “toda criação tem um modelo exemplar: a Criação do Universo pelos Deuses” (p.45), a habitação e a permanência em um lugar “são ações que pressupõe uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto para assumir [...]” (p.48), este ato é visto como um ritual, um comportamento religioso, pois ao dar forma e existência a um lugar que antes era oculto ou desértico, mesmo que já ocupado ao conquistá-lo e transformá-lo em nosso mundo, estamos consagrando-o, assim desde os tempos primordiais como podemos ver na citação abaixo:

Este comportamento religioso em relação a terras desconhecidas prolongou-se mesmo no Ocidente, até a aurora dos tempos modernos. Os conquistadores espanhóis e portugueses tomavam posse em nome de Jesus Cristo dos territórios que haviam descoberto e conquistado. A ereção da Cruz equivalia à consagração da região, portanto, de certo modo, a um novo nascimento. Porque, pelo Cristo, “as coisas velhas passaram; eis que todas as coisas se tornaram novas” (II Coríntios, 5, 17). A terra recentemente descoberta era renovada, recriada pela cruz (ELIADE, s/d, p. 45,46)

Com a habitação e permanência em um determinado lugar, este passa a ser o nosso centro do mundo havendo uma rotura de níveis neste espaço, sendo eles “três níveis cósmicos – Terra, Céu, regiões inferiores – tornaram-se comunicantes”, Eliade explica que essa “comunicação é por vezes expressa por meio da imagem de uma coluna universal, [...] o que liga e ao mesmo tempo sustenta o Céu e a Terra”, essa coluna pode ser simbolicamente representada por uma montanha, árvore, casa, templo, poste, etc. E, “em torno deste eixo cósmico estende-se o “mundo”, por consequência o eixo encontra-se “ao meio”, no “umbigo da terra”, é o Centro do Mundo” (ELIADE, s/d, p.50).

Na obra *Os semelhantes* (2011), Dicke também em sua ficção é fiel na construção e formação da vila. Logo nas primeiras páginas o autor já nos deixa claro que se trata de um espaço sacralizado, pois de acordo com Eliade (s/d) “assim como o Universo se desenvolve a partir de um Centro e se estende na direção dos quatro pontos cardeais, assim a aldeia se constitui em volta de um cruzamento”, e com base na narrativa do autor vamos desvendar esses quatro pontos que também “corresponde à divisão do Universo em quatro horizontes” (ELIADE, s/d, p. 58)

A narrativa se inicia com a história de Abadia, garimpeiro que mora nos arredores da vila Aguassu na beira do rio, onde tudo acontece para obtenção do ouro e diamante, desde os tempos da revolução, na guerra, “jogavam gente aí dentro do rio pras piranhas e ficavam só os esqueletos boiando nas praias semanas inteiras” (DICKE, 2011, p.16). Este espaço, o rio, é um dos quatros pontos que constituem a vila, e como sabemos que a água é um símbolo muito presente na poética de Dicke, desvendaremos o que este espaço está representando dentro da constituição dessa vila, pois sabemos que “o simbolismo desempenha um papel considerável na vida religiosa da humanidade; é, graças aos símbolos, que o Mundo se torna “transparente”, susceptível de “mostrar” a transcendência” (ELIADE, s/d, p.139, 140)

Segundo Eliade (s/d, p.140), as águas são como um “reservatório de todas as possibilidades de existência; elas precedem toda forma e suportam toda a criação”. A água simboliza a vida, mas também a morte, um exemplo, o ritual do batismo, quando o ser humano é mergulhado na água ele morre, simbolicamente, quando ele sai das águas renasce purificado de seus pecados. Nesse ponto de vista, o autor conclui também que

[...] a imersão na água simboliza a regressão ao preformal, a reintegração no modo indiferenciado da preexistência. A imersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal; a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das águas implica tanto a morte como a renascença (ELIADE, s/d, p.140)

O rio, e consequentemente as suas águas estão simbolizando a fonte de vida dessa vila, como também representa a morte devido o sofrimento e sacrifícios sofridos por esse povo na formação do lugar, o sertão mato-grossense. Se voltarmos à memória para o passado de Mato Grosso, historicamente essa região foi um lugar de muitas disputas, massacres, todos por conquista do espaço, imigravam pessoas de vários lugares, ambicionados para extrair riquezas, assim vimos a verossimilhança de histórias na ficção de Dicke (2011), “[...] garimpo no real do sertão. E o pesado sertão é uma verdade, sertão duro, de punhal e cruz, onde só os

pais de Deus e os Filhos do Diabo entram, em que a porta do mundo fica para trás” (DICKE, 2011, p.32). Narrados como real o espaço e o sofrimento, assim através da narrativa ele confirma a sacralidade do espaço, porque a “potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia” (ELIADE, s/d, p.26)

Percebemos que o rio fica em uma das extremidades da vila, local onde os moradores se sentem estranhos e vigiados, onde coisas inexplicáveis acontecem. Para Eliade, são sinais em que através da natureza o sagrado se manifesta, “simbolizado por certos animais ou ideogramas das trevas”, contudo, podemos afirmar que esta extremidade da vila representa o “mundo dos mortos” (ELIADE, s/d, p. 59), como acompanhamos no romance:

Curiangos as seguiam guinchando e guiando, voando à frente, os olhos vermelhos acesos à medida que se aproximavam. A moça recordava-se da manhã em que descia para o rio sozinha e apareceu-lhe ver um vulto de homem a espreitá-la do mato. Petrificada, olhou de novo e pôde reparar que era simplesmente um tronco negro com formato humano. Mas, depois disso, inexplicavelmente, nunca mais pôde encontrar o tronco no lugar [...] (DICKE, 2011, p.17)

Durante a narrativa encontramos várias passagens sobre o rio ocultar os mistérios, mundo dos mortos, do qual surgem através dos ventos, vozes, sussurros inexplicáveis que invadem a vila ao anoitecer:

A noite cheia de ecos. [...] À janela, como que sentia bocas que ciciavam, vozes que sussurravam, vagas palavras dum apelo perdido. Quem seria ? [...] Não sabia o que fazia, que pulava a janela e, sem fazer ruídos, caminhava pelo quintal em direção do rio de onde vinham os chamamentos misteriosos. [...] Não seria a voz do rio? Seu coro de muitas vozes, um sono afogado, de sussurros roucos, como em queixa, um chorar desfalecido cruzando a noite com o luar em seu dorso, mole e profunda garupa com sela de ouro e prata, nas margens das vertentes o sombrio dos marmeladeiros. Tanta solidão nestes sons de mágoa, de onde vêm? Que voz é esta do rio e o que ele fala? Que habitantes terá ele além dos peixes? (DICKE, 2011, p.32,33)

A caminho do rio, mulheres lavadeiras passam pelo cemitério, um espaço que também vemos a simbolização de que se trata do mundo dos mortos, os ideogramas das trevas e os animais de agouro fazem parte da descrição do autor ao narrar o espaço, o cemitério da Binga, lugar abandonado, visto que era pouco comum enterrar os mortos, geralmente eram jogados no rio ou à sua margem, o cemitério é o segundo ponto de referência no horizonte deste espaço

— Aqui que as almas gostam — disse a vovó, olhando-a.

Um aberto de mato, dum lado da estradinha, o guaxim e o cansanã se embaraçando nas poucas cruzeiras tortas e meio podres, lá dentro o cruzeiro preto, antigo, o mourão comprido com o sino velho e o nenhum muro dos lados mediando, cercando do chavascal verde e marrom (DICKE, 2011, p. 18)

Seguindo a sequência da narrativa, Dicke nos revela pelos elementos simbólicos a confirmação de que a região do sertão mato-grossense em sua ficção é realmente uma terra sagrada, por sua retórica nas descrições de detalhes faz com que vejamos de seus olhos a beleza dessa terra e a simplicidade do povo.

Um dos símbolos mais significativos para mostrar a sacralidade do espaço são as serras São Lourenço e São Jerônimo, vistas na outra extremidade da aldeia, são o terceiro ponto no horizonte, sempre mencionadas na obra, são avistadas pela aldeia e arredores mostrando que a região se localiza em um lugar alto. De acordo com Eliade, a montanha está próxima do céu, indicando assim que o espaço a seu redor é sacralizado, pois segundo algumas crenças religiosas, a “região mais elevada não foi submersa pelo Dilúvio, revelando assim que “o nosso mundo” é uma terra santa porque é o lugar mais próximo do Céu, porque aqui, de entre nós, pode-se atingir o Céu [...]” (ELIADE, s/d, p.51). Dicke constrói em sua narrativa “esse mundo”, apresenta o espaço regional mato-grossense como uma terra sagrada. No enredo que pesquisamos, temos:

As duas passavam umas moradias, desembocaram num ladeado de casachoupanas, num grande aberto onde vagavam cavalos e bois peados. Aqui e ali, gente. Em torno, eram matos que se espalhavam longe. E depois, além, as serras azuladas de São Lourenço e São Jerônimo, perdendo-se entre nuvens, na distância (DICKE, 2011, p.18)

Dicke em sua narrativa descreve as serras São Lourenço e São Jerônimo para indicar a altitude da região, colocando esse espaço como “Centro do mundo”. Segundo Eliade (s/d, p.50), simbolicamente quanto aos olhos do homem religioso, quando algo faz a ligação entre o céu e a terra há uma rotura de níveis, uma abertura para o alto com o mundo dos deuses e ao mesmo tempo estando fincado na terra, há também uma abertura para o mundo dos mortos. As serras estão no meio do espaço, a região onde ocorrem as histórias dos personagens, esses não permanecem em um só lugar, durante a narrativa ficam em movimento, mas sempre em volta das serras, por isso elas são como o umbigo da terra, o “Centro do Mundo”, porque “um Universo origina-se seu Centro, estende-se de um ponto central que é como o seu “umbigo” (p.57). No pensamento de Eliade (s/d) para o homem religioso,

[...] sejam quais forem as dimensões do espaço que lhe é familiar e no qual ele se sente situado - o seu país, a sua cidade, a sua aldeia, a sua casa - o homem religioso experimenta a necessidade de existir sempre num mundo total e organizado, num Cósmos (ELIADE, 1956, p.56,57).

Assim, como no universo fictício de Dicke, o homem sente a necessidade de estabelecer, de se firmar em algum ponto do universo estabelecendo sua morada, casa, visto que “sem ela o homem seria um ser disperso”, segundo Bachelard (1993), e é justamente ela “uma das maiores forças de integração para o pensamento, as lembranças e os sonhos do homem” (p.26), pois deles nos conhecemos como um ser. Através do imaginário, nas narrativas, podemos ver imagens das comunidades, a simplicidade do espaço,

Olhava com o escorropicho dos olhos o movimento de uma tropa de bois com cargas que chegava ao armazém ‘Os três amores’, onde, na porta, uns arrieiros trocavam salvas e saudando e falando alto. [...] No largo embaixo das árvores, uns bois deitados e cavalos peiados pastando. Do outro lado, em volta de mangueiras e bananeiras obscurecidos, a escola (DICKE, 2011, p. 22)

Assim como o rio, as serras e o cemitério, a escola também faz parte da formação dessa vila, ela é o quarto ponto no horizonte e representa as lembranças dos próprios personagens, pois no enredo vimos que a avó de Romanita procura passar adiante suas lembranças, seu passado, contando-lhe histórias, como: a época da revolução, os mitos sobre assombração, a morte de seus antepassados, o abandono dos maridos a suas mulheres em busca dos garimpos, etc. Histórias significativas na formação deste espaço, passadas de gerações com o intuito de manter vivo na memória como este espaço foi constituído. Nessa concepção, temos Bachelard (1993, p. 28), que afirma que essa é a “função do espaço”, ele “retém o tempo comprimido”, e por mais que o tempo passe a nossa casa natal está sempre viva em nossas lembranças.

Dicke (2011), em seu romance constrói a vila assim como coloca Eliade (s/d), para o qual nosso mundo se constitui de um centro, que é o seu umbigo e dele nasce e se desenvolve o universo que se estende pelos quatro pontos no horizonte. Já encontramos os quatro pontos da Vila Aguassu dentro da obra, agora nos resta desvendar onde está o umbigo, o ponto central desta vila, pois como já foi mencionado, o eixo central é simbolicamente representado por uma montanha, árvore, casa, algo que esteja fincado na terra como uma coluna representando as regiões inferiores e ao mesmo tempo voltado para cima, fazendo a ligação de dois mundos, dos mortos e o divino, havendo uma rotura de níveis tornando-os comunicáveis, e esta “coluna cósmica só pode situar-se no próprio centro do Universo, porque a totalidade

do mundo habitável estende-se à volta dela” (ELIADE, s/d, p.50), como na citação abaixo, extraída do romance dickeano:

Cargueiros parados em frente à casa de seu Usébio, uma casa de parede descascada, que antigamente fora amarela, onde, em cima, se lia meio ilegível: “Armazém os três Amores”. Dali, se via tudo o que acontecia na vila do Aguassu. Vizinha da venda, a casa onde eles moravam, de telhas, com uma grande mangueira na porta, ferradura reluzente pregada no tronco, para dar sorte, e dum galho recurvo e baixo, uma gaiola pendurada, onde um casal de pombas se bicava uma à outra (DICKE, 2011, p.18)

Ao lermos este pequeno fragmento retirado da obra, percebemos que Dicke sinalizou com vários símbolos o ponto central da vila, o espaço onde os personagens iniciaram suas histórias. Com as palavras “dali tudo se via”, e a casa sendo vizinha, agora é dela que tudo se vê, sendo assim, a personagem mora no meio da vila e o eixo central é a “grande mangueira na porta”, e para termos certeza, o autor ainda nos deu mais dois sinais, a “ferradura reluzente pregada no tronco, para dar sorte” e, “um casal de pombas”, símbolo de paz, liberdade e recomeço, pois segundo as crenças religiosas, depois do dilúvio, foi a pomba quem encontrou o ponto mais alto da terra, o espaço sagrado, o recomeço para a humanidade. Ainda seguindo o ensinamento de Eliade (s/d), para o homem religioso,

[...] toda a decisão existencial de se situar no espaço constitui, de facto, uma decisão religiosa. Assumindo a responsabilidade de criar o mundo que decidiu habitar, não somente cosmisa o Caos, mas também santifica o seu pequeno Cosmos, tornando-o semelhante ao mundo dos deuses. A profunda nostalgia do homem religioso é de habitar um mundo divino [...] o desejo de viver num Cosmos puro e santo, tal qual era no começo, quando saía das mãos do Criador (ELIADE, s/d, p. 77,78)

No conto “A ilha” (2011), também vimos este desejo no personagem, professor de filosofia, residente em Cuiabá, ao cair em uma ilha durante uma viagem de avião não sente vontade de ser resgatado, prefere habitar neste espaço sem contaminação da vida moderna, sem discursos, sem trabalho, sem políticas, todas as coisas que perturbam a mente humana. O protagonista na ilha vive um sonho acordado longe de tudo e de todos, nela ele tem tudo que precisa para viver, uma caverna para servir de casa, animais para caçar, peixes, frutos e mulher, assim como foi no princípio da criação humana no paraíso.

Nas obras de Dicke encontramos este desejo em seus personagens, em habitar um espaço sacramentado, a origem primeira de todo o mundo, onde não há poluição visual e

mental da vida moderna, as coisas perderam o seu valor, o sentido, as casas são somente máquinas de habitar e os homens não mais se reconhecem. Estão perdidos em meio a seus pensamentos, fúteis e até mesmo banais, em um universo de consumismo, capitalismo e políticas, um mundo de valores estéticos, esquecidos do sentido maior da existência que são os valores humanos.

III- CAPÍTULO: Tempo e a experiência do sagrado

O tempo, palavra simples, mas muito importante na vida de todos os seres no mundo, com ele medimos nossas conquistas, esforços, desilusão, vitórias, ocasiões que foram representativas em nossa história, dele conseguimos regredir para todos aqueles momentos, como também, ir mais além, imaginar um futuro sem mesmo o ter vivido. Visto deste modo, propomos uma leitura diferenciada do tempo atual, o agora nas narrativas de Dicke, que através do imaginário podemos recriar e reviver. Um tempo em que as rotinas que preenchem nossa existência se desintegram, como também, culturas, pensamentos, outras relações homem e natureza, homem e animal, homem e o universo.

Este tempo encontramos na obra *Os semelhantes* (2011), cujo enredo nos revela um tempo de formação e transformações em Mato Grosso, a terra perdendo a essência original para servir o homem, e este acompanhando todo o processo, um refletindo o outro. Quanto mais a terra era devastada dando lugar à modernidade, assim o homem foi se transformando em sujeito do seu desejo, sua ambição, perdendo também a essência, esquecendo-se da verdadeira natureza, os seus valores, sentimentos, etc.

No início, a obra parece se tratar de uma história regional, sertanejos mato-grossenses vivendo em vilas pacatas, pequenas, homens garimpeiros, mulheres lavadeiras, fim de tardes em companhia dos amigos para prosear, dias terminando e outros começando para o cumprimento das rotinas diárias. Neste primeiro momento, todos se revelam interessados em constituir uma família, casar e dar um sentido para existência neste mundo com desejos de unir-se ao outro. Contudo, este mesmo desejo aos poucos mostrou também o caráter de cada um ao serem colocados em situações de conflitos. No segundo momento, no desenrolar da história destes seres fictícios observamos que o romance trata de relações humanas, o homem com seu semelhante, o comportamento diante do próximo revelando a imagem destes seres em questão com toda sua plenitude, por isto não existem ações ou reflexões “condenáveis”, visto que o comportamento apresentado por todos eles é passível em cada um, originando o título da obra *Os semelhantes*.

Para compreendermos melhor os momentos vividos pelos personagens, passado, futuro e presente, nos pautaremos em Benedito Nunes, *O tempo na narrativa* (1995), o qual apresenta alguns conceitos para a compreensão do tempo, podendo ser uma experiência tanto direta, quanto indiretamente, sendo elas “individual, externa e interna”, e “social ou cultural” (1995, p. 17), divididos em três concepções, o “físico, natural ou cósmico” (1995, p.18).

De acordo com Nunes (1995), nas obras literárias o tempo na narrativa “é inseparável do mundo imaginário, projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações”, sendo o tempo apresentado de acordo com a linguagem, “os acontecimentos e suas relações” (p. 24), como já concluímos anteriormente estudando o espaço nas obras, o sertão mato-grossense em época de desenvolvimento, social, cultural e econômico. Porém, agora estudaremos a vida destes seres neste espaço, como se transformaram juntamente com ele, pois “os motivos de transformação e de identidade do indivíduo comunicam-se a todo o mundo humano, à natureza e às coisas criadas por ele” (p. 235); conforme ensina Mikhail Bakhtin em *Questões de literatura e de estética* (1998), no qual nos apoiaremos para estudar o comportamento destes seres fictícios, “[...] associado a ideia de desenvolvimento, [ocorre] a “metamorfose”, pois a partir dela é “criado o tipo de representação de toda a vida humana em seus momentos essenciais de ruptura e de crise: como um homem se transforma em outro” (1998, p. 237). E, para entendermos o momento desta transformação, o tempo, como o ser passa “sem perigo, da duração temporal ordinária para o tempo sagrado” (1998, p.81), aprofundaremos nossas pesquisas em Mircea Eliade, *O sagrado e o profano* (s/d).

Para entendermos os símbolos e imagens usados pelo autor, recorreremos inclusive a Émile Durkheim, *As formas elementares da vida religiosa* (2003) e Ernst Cassirer, *Ensaio sobre o homem* (2001). Este último afirma que “tudo o que é visto ou sentido está rodeado por uma atmosfera especial – uma atmosfera de alegria ou pesar, de angústia, de excitação, de exultação ou depressão” (p.129). Algo bastante expressivo no romance *Os semelhantes*, de Ricardo Dicke.

3.1- Imagem de civilização

Toda a trama narrativa se inicia com desejo na posse de um diamante, que significa, liberdade, esperança, casamento, família, felicidade, pensamento ilusório que todos presumiam em seus momentos de devaneios. Entretanto, as realizações destes sonhos se transformaram em pesadelos, o que era sinônimo de vida e união se revela sinônimo de separação e morte.

As primeiras brigas e desentendimentos acontecem entre os companheiros Abadia e Salomão. O encontro da pedra de diamante por um dos garimpeiros no Coxipó do Ouro, local onde trabalhavam em sociedade, acarretou na morte de um deles. Abadia mata o companheiro e lhe rouba, inicialmente se defende, monta todo um discurso de defesa em seu favor, mas

prestando atenção na narrativa, nas palavras usadas pelo narrador, descobrimos as verdadeiras intenções deste personagem,

Devagarinho com toda a calma, com toda a calma, pôs-se a vestir-se, olhando-o. Depois calçou as botas, pôs o chapéu, apanhou do chão a arma e guardou-se sob o cinturão. Pisou sobre aquela mão que parecia pedir, sentiu-a mole sob o solado, como uma lesma. Deu uma risada que parecia repetir um urutau que tinha acabado de gargalhar na sombra, debaixo dos matos. (DICKE, 2011, p.8)

Abadia era um assassino, vimos isso em sua tranquilidade no momento da ação. Observemos nesta imagem seus movimentos, a despreocupação pelo ato, expressos nas palavras “devagarinho com toda a calma”, deixando evidente desde o início seu caráter perverso. Fazendo-se de vítima, deixa a entender que era discriminado: “Você achava que preto não presta, que preto não tem coragem, que preto não era gente, pensava coisas monstruosas dos pobres negros e, com quem que você trabalhava, Salomão? (DICKE, 2011, p.12). Com esse discurso quase nos sentimos comovidos, mas não é de todo convincente, as suas ações o condenam. Ele ri várias vezes durante e depois de matar o companheiro, ações que lhe revelam a verdadeira imagem, um ser malvado. De acordo com Bakhtin (1998), a “existência e a essência total do homem não constituem um estado, mas uma ação, uma força ativa (energia). Essa energia é a manifestação do caráter nos atos e nas expressões” (p. 258). Abadia deixa bem claro o seu caráter na expressão e na fala mostrando-se um sujeito ambicioso movido pelos desejos,

Já pensava vezes e vezes na menina, convidá-la a deixar Maria Romana e casar com ele. Agora podiam, era dono daquela pedra milagrosa. Pensando bem, desconfiava se não foi o influente de andar pensando repetidamente nela a causa mais afoita de riqueza. Devia ser. As coisas vêm todas juntas. Negar não podia, eram muitas coisas, muitas causas; todo mundo busca o seu santo bom do jeito melhor que lhe apraz. Estranha era ela que, às vezes, dizia baixinho coisas assim:

_ Não me devores assim tão tão todinha, bem... _ou _Nem só de carne se goza, bem-bem... (DICKE, 2011, p. 11)

O motivo da morte de Salomão era o desejo por poder, dinheiro, igualdade social. Abadia era um homem negro, pobre, e encontrou no amor de Umbelina uma chance de mudar sua existência, pensava nela como: “A mulher de elite, de rapadura branca” (p.30), seus pensamentos nos mostra que suas intenções não eram sentimentais, mas sim sociais. Casaria para mudar sua imagem perante a sociedade.

E pensava neles dois juntinhos, nalgum oco aprazível do mundo, gostando-se em bom gostar, sem remorsos do que, para ele, não havia no passado malfeito nenhum e ela, sossegada, esquecida daquela vida, eles feitos esposo-esposa, casados em igreja de padre e cartório civil, o dinheiro dando para todos os gastos, a existência passando num docemente...(DICKE, 2011, p 12)

Com a posse do diamante estes pensamentos mudam, e mais uma vez ele se defende, desta vez se justifica através de um discurso piedoso da morte do companheiro: “Mulher assim, ele se casaria. Mas se deteve, não pagavam apenas começar a gastar, rei-senhor, aquela prata... Prata que foi o preço de um homem, prata tão sentida (DICKE, 2011, p.30). Suas intenções já não são as mesmas anteriores a posse do diamante, antes ainda pensava em manter um padrão social, casar, ter família, imagem de civilização, depois de possuir a pedra em mãos seus pensamentos ficam esquecidos.

Na fuga, para fazer dinheiro da pedra, Abadia encontra Romanita, namorada de Rosendo um rapaz também vítima de sua maldade, pois “lhe roubara o burro com todos os arreios e vinha embalado, animal de muitíssima estimação”, (DICKE, 2011, p.54), neste instante o destino de todos se cruzam e, as decisões tomadas no presente, influenciarão no futuro, seguindo uma “ordem objetiva do tempo físico, que se apóia no princípio de causalidade” (NUNES, 1995, p.19), significa que todas as escolhas que fizerem nestes momentos serão a causa dos problemas que enfrentarão no futuro, os efeitos estão ligados com o agora de suas vidas, o presente.

Para Romanita, diamante também significava união, casamento. “O pensamento ia e vinha. Quando que ele lhe mandaria um diamante de presente? Aquela vida de garimpeiro não devia ser nada boa” (DICKE, 2011, p. 21). Seus pensamentos eram para Rosendo, rapaz garimpeiro, por quem estava descobrindo o amor. Ela era uma moça simples, ingênua, morava com os irmãos e a avó, a mãe já estava morta e o pai desaparecido pelos garimpos. Sua estrutura familiar não era muito diferente dos demais da vila, Rosendo também não tinha mãe, ela morreu de desgosto por ter perdido o filho Romão, não souberam se morreu ou se foi roubado, o pai inconformado saiu peregrinando pelos sertões mato-grossenses à procura da criança.

3.2- Desestrutura familiar: ocorrência e repercussão

Baseado em descrições na narrativa da história dos jovens Romanita e Rosendo, percebemos que a causa destas famílias desestruturadas era o desenvolvimento, as mudanças, como podemos ver neste trecho da obra:

Mas cigano anda de lancha? Seus meios de locomoção não eram carros e carroças? Ninguém sabia, devia ser que eles acompanhavam as coisas, se modernizavam e andavam como todo o mundo, tanto por terra como por ar e água. (DICKE, 2011, p.20)

Os progressos trouxeram vida para Mato Grosso, mas também a morte, muitas pessoas imigraram para o Estado trazendo junto com elas esperanças, sonhos que aos poucos transformaram em ganância e ambição, geradora de muitas lutas e revoluções ocasionando lutos e destruições nas famílias, assim como podemos constatar na obra *Madona dos Páramos* (1981) de Ricardo Dicke. A personagem central, uma mulher, perde toda sua família assassinada por homens fugitivos de uma prisão em Cuiabá, eram bandidos, mas também representavam as vítimas de um sistema de governo, promessas de ocupação de terras que favorecia os maioriais, deixando os desvalidos na miséria com sonhos utópicos de encontrar a terra prometida, um lugar paradisíaco sem leis, nem diferenças sociais (MAGALHÃES, 2002, p.51-97).

As imagens de morte são frequentes na obra *Os Semelhantes*, como também silêncio, noite/lua, dia/sol, sangue, símbolos que mostram as transformações destes seres fictícios, transformações que acontecem juntamente com os fenômenos da natureza. O autor usa estes fenômenos como forma de tornar real a história destes personagens, durante o dia temos a rotina do povo sertanejo, conhecemos o modo como viviam e, as noites são atormentados pelo incompreensível, “por que esta hora da noite fala uma linguagem ignota, quase indecifrável? Será pelos mistérios noturnos que estão terminando e outros, os do dia quem vem, com outros mistérios? (DICKE, 2011, p.37). Assim, como os personagens não compreendem as transformações do universo também não se conhecem, são como a natureza. Cada dia e noite são diferentes, bem como o ser humano e sua personalidade. Segundo Eliade (s/d), todos os dias homem e natureza nascem de novo

Deus colocara ao alcance deles nos grandes ritmos cósmicos: as estações, os dias e as noites [...] Não há uma ressurreição para as sementes e para os frutos? [...] o dia e a noite mostram-nos a ressurreição; a noite deita-se, o dia levanta-se; o dia vai-se, a noite chega. (p.146).

Na trama narrativa de Dicke, os personagens mudam de personalidade com a mesma naturalidade com que viramos as páginas no ato da leitura e, um dos focos principais dessa obra são as transformações do tempo. Por meio destas, é que os personagens se questionam

sobre a existência do inexplicável, o dia com todos os barulhos de civilização afasta o pavor das horas infinitas de silêncio da noite. Quando todos os barulhos parecem vir das profundezas do rio e da floresta trazidos com o vento que atormenta, não sendo compreendidos, os homens não compreendem a linguagem da natureza. Porém, o que mais angustia estes seres fictícios é o silêncio, porque em silêncio o homem é vazio, solitário, a única presença de voz é aquela que vem da própria consciência. Mas, muitos não suportam tal estado de coisas porque aquela não esquece, não perdoa, não cala, sempre traz à tona os segredos mais escondidos, por isso o barulho exterior é mais confortável para estes personagens, ele abafa a voz de dentro.

Abadia é um dos personagens que no decorrer de sua história apresenta-se mais perturbado, perseguido, pois sua consciência não o deixa esquecer os atos cometidos no passado e, os pensamentos estão sempre num retorno, lembrando dos homens que matara como uma punição, um castigo. Desta forma o autor o humaniza, porque nos passa sua imagem sofredora, com um destino cruel, vivendo solitário como mendigo, isolado do resto do mundo, passa as noites num barracão abandonado, noites essas que ele tem como eterna por ser nessas horas o seu sofrimento, o silêncio o faz escutar a própria consciência, e os mortos lhe chamarem: “Agora, aquela voz vinha dizer que ele era assassino [...] aquela não era voz de gente viva. Era a água, o vento, as árvores. Não estaria em sua cabeça, não seria sua consciência?” (DICKE, 2011, p. 41).

Estes momentos vividos por Abadia, Nunes (1995), caracteriza-os como tempo psicológico, pois “uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos” (p.18). Sendo nessas noites tão sofredor, Abadia tem o dia como uma salvação para o próprio tormento, ele o vê como um tempo sagrado, pois durante o dia ele volta ao cotidiano normal, vive em meio às pessoas da comunidade, conversa e bebe no mercado da vila, estas horas na sua concepção são diferentes, são os momentos em que ele se sente seguro, em paz. Isto de acordo com a perspectiva crítica de Eliade (s/d), vem a ser “o tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um tempo circular, reversível e recuperável” (p.82), o tempo apresenta “intervalos que são sagrados” (p.83).

3.3 - Transformação

Na obra *Os semelhantes*, os seres fictícios depositam os sonhos e esperanças na pedra de diamante, considerada a salvação para todos os problemas, todavia, se hipnotizam diante

dela e não se dão conta do mau que é gerado em suas vidas com a posse da mesma, como podemos constatar com todos os personagens.

Rosendo ao descobrir que foi roubado sai à procura do ladrão, “um que mal sabia quem fosse e fosse quem fosse, o sertão era pequeno, o mundo um corredor, a gente passa indo, ele vinha para achar aquele” (DICKE, 2011, p. 54). Logo, soube que era Abadia e, que estava em companhia de Romanita, neste momento questiona: “Mas ela não terá medo dele? Um homem que matou outro é capaz de matar tantos, é capaz de tudo... Será que foi pelo seu diamante? Não, a conheço bem” (DICKE, 2011, p. 65). Os momentos na procura dos dois são de muita angústia e tormento para o rapaz, seus sentimentos são confusos, percebemos através deste trecho da obra quando o estado do personagem é exposto através de aparências do tempo natural,

[...] as nuvens que se formavam no céu faziam sombra em cima dele e o sol parecia uma laranja envolta em celofane. Fechava os olhos – lá dentro porejam coisas indefinidas – e só ouvia as patas do cavalo, num matraquear mecânico e infinito (DICKE, 2011, p.71)

Em tempos primitivos, o homem precisava de referentes para entender a própria existência, surgindo assim, a mitologia, vista enquanto um “modelo arquetípico para todas as criações, seja qual for o plano em que elas se desenrolem: biológico, psicológico, espiritual” (ELIADE, s/d, p. 94). A natureza “está sempre carregada de um valor religioso”, segundo os discursos bíblicos, o mundo é “uma criação divina”, com isso há manifestações de “diferentes modalidades do sagrado na própria estrutura do mundo e dos fenômenos cósmicos” (ELIADE, s/d, p.127). Tomando por base a concepção de Ernst Cassirer (2001), “o homem descobriu um novo método para se adaptar ao seu ambiente. Entre o sistema receptor e o efetuator”, encontra-se um terceiro, “o sistema simbólico” (p.47). Os acontecimentos humanos não tinham explicação por si só, deste modo, “começou a observar os céus procurando o seu próprio reflexo e a ordem de seu universo humano. Sentia que seu mundo estava preso por muitos laços visíveis e invisíveis à ordem geral do universo” (CASSIRER, 2001, p.83). Corroborando para esta visão teórica, chegamos a Durkheim (2003, p.81), para quem, “é na natureza, seja do homem, do universo, que se deveria buscar o germe da grande oposição que separa o profano do sagrado”. Perspectiva que discutiremos junto ao romance do escritor mato-grossense.

É notório como Dicke faz a analogia do estado do tempo natural com o das personagens. Rosendo está em “sombas”, o que significa que está triste e nervoso, mas há luz

na sua vida, o “sol”, mesmo estando coberto com “papel celofane”, uma característica que mostra que seu estado é somente momentâneo, não faz parte dele tal comportamento, pois o celofane é transparente, sendo assim, a luz é visível. Ele está perturbado, expressando seus sentimentos por não saber a verdade sobre a fuga de Romanita. “Doía, doía – não sabia o que doía, tudo lhe doía e queria chegar rapidamente, e não sabia onde, mas sabia que, ao chegar, aquela dor terminaria” (DICKÉ, 2011, p.71), pois não sabia se foi raptada ou estaria na companhia de Abadia por vontade própria, esta dúvida lhe causa dor por nunca saber o que realmente aconteceu. “Nada nunca se esclarece direito, nem depois de resolvido, o que é no mundo que é claro? Tudo vem numa luz de dois lados, envolto em dúvidas e sombras” (DICKÉ, 2011, p.72).

O romancista nos revela através do cosmos, nas manifestações naturais do tempo, a transformação destes seres fictícios. Rosendo passou de rapaz sonhador e apaixonado para um homem capaz de compreender as coisas ao seu redor e, sendo capaz de expressá-las até nas atitudes corporais,

Sua sombra em pé aumentava, tomava toda a estrada e entrava no meio do mato fronteiro. Sentia-se frustrado, enganado, uma fúria que lhe atazanava as profundezas, um turbilhão de idéias misturadas que lhe subia à cabeça. O impacto da queda deixara-o tonto por um momento. Devagar, o sangue coleava pelo corpo no labirinto das veias. Limpou nas roupas as mãos que sangravam e depois passou-as pela testa, pelo rosto, suave e sentia-as arder. [...] O sol dava em seus olhos e ele tinha uma expressão tal que parecia um pedido de socorro. Tivesse arma, seria humano findar-lhe daquele padecimento inútil (DICKÉ, 2011, p.73).

Primeiramente, Rosendo está de costa para o sol e “sua sombra em pé aumentava”, assim como os sentimentos ruins. Ele está em um momento decisivo na vida, pois deve escolher qual caminho seguir, das trevas, simbolizado pela sombra à sua frente, ou da luz, o sol que está às suas costas. Isto, no pensamento de Elide (s/d), equivale, “a passagem está predestinada para toda a existência cósmica”, porque o ser humano,

passa da pré-vida à vida e finalmente à morte, tal como o antepassado mítico passou da preexistência à existência e o Sol da trevas à luz [...] a existência humana chega à plenitude por uma série de passagens, em suma por iniciações sucessivas (ELIADE, s/d, p.188)

Já para Durkheim (2003, p. 133), existe no ser humano “algo que mantém o profano a distância e que possui uma eficácia religiosa”, ele “oculta em suas profundezas um princípio sagrado que, em circunstâncias, vem ostensivamente aflorar no exterior”, assim acontece com

Rosendo ao deixar aflorar o sangue. Este é um símbolo que representa nas obras de Dicke tanto a vida quanto a morte, ele é sagrado porque é o que dá a vida para os seres humanos, mas também representa a violência, à morte, por isso o ser humano tem a personalidade ambígua. “A verdade é que somos formados de duas partes distintas que se opõem uma à outra como profano e sagrado, e se pode dizer, num certo sentido, que existe divino em nós” (DURKHEIM, 2003, p. 275).

Rosendo é um personagem diferente dos demais na trama, pois está sempre cercado de luz, “o sol dava em seus olhos” (DICKE, 2011, p.73), por mais que os momentos de angústia lhe perturbe, como “um mundo de cinza”, que “enchia sua visão. Tinha vontade de gritar, pensava que ia enlouquecer se não conseguisse mudar” (p. 84), sentia a necessidade de modificar as coisas ruins que acontecia com ele em seus momentos de tormentos, como quando agrediu o pai que sempre lhe perseguia, entretanto, também o ignorava, pois somente o via fisicamente acreditando ser ele o irmão gêmeo desaparecido.

— Romão, Romão, como te procurei, meu Deus! Finalmente te encontro, querido filho! Diga-me onde estavas, onde andavas durante todo este longo tempo, conta ao teu pai! [...] tomado de súbita angústia:

— Não sou Romão, meu pai, sou Rosendo.

— Rosendo não existe, meu filho... Só restaste tu, Romão, não sabes quanto te busquei, quanto chorei e rezei por ti (DICKE, 2011, p. 81).

Rosendo não suportou mais ser ignorado pelo pai, pois as manifestações de carinho sempre eram para o irmão e, ao afastá-lo “empurrou-o e este caiu estatelado no chão”, o velho sacou-lhe uma arma como forma de forçar-lhe a ir com ele, Rosendo tomou-a dele e, “apontava na direção do pai, sem saber se quer o que apontava, agindo mais por instinto de defesa do que por qualquer outra coisa” (DICKE, 2011, p. 82). Na narrativa estes atos são justificados, é passado para ao leitor um discurso humanizado, ele agrediu o pai, mas para se defender, visto que, para o pai ele nem existia, não o enxergava, não mantinham uma relação, o pai nunca o escutava, “com as mãos, acariciava o rosto do filho, como um cego que não pudesse ver suas feições” (p.81).

Para o pai aquele era o filho perdido e queria encontrar nele consolo para o sofrimento que sentia, porém Rosendo não compreendia, via-o como louco por sua insistência na procura por alguém que nem sabia se estava vivo ou morto. Antônio Gúrgeis tinha o filho como vivo, dentro dele sentia assim, pois mesmo com o passar do tempo cronológico, ficando velho, nunca desistiu daquilo que acreditava, por isso o tempo para este personagem deixou muitas marcas, tanto externa quanto interna, sua peregrinação a procura do filho o consumiu

fisicamente, sua aparência era descrita por Rosendo, o filho rejeitado, como fantasma que vivia a lhe perseguir,

com os braços que pareciam chegar até aos joelhos; as unhas que não cortava, que deviam ter sido feitas para enterrar-se em carne tenra; os cabelos brancos e longos envolvendo-se-lhe pela nuca; as faces encovadas dum enterro que acabasse de ressuscitar, com sua cor de cinza e de terra; seus olhos, onde girava um fogo que desagradava ao fixar, cheio de arrogância e dureza; a magreza extrema de quem quase não comia e deveria alimentar-se de gafanhotos e raízes. Do alto de sua estatura, uma tristeza que não acabava nunca (DICKE, 2011, p. 70).

Por mais que o tempo cronológico para Antônio Gúrgeis tenha-o desgastado, o tempo psicológico mantém atual sua esperança, a mesma de quando a criança acabara de desaparecer na idade de um ano, seus sentimentos continuaram o mesmo, o tempo não passa para o espírito, as emoções são reveladas todas as vezes que acretidava encontrar o filho que vivia a procurar, “por todas as bibocas do garimpo e do sertão, desaparecendo durante longo tempo, [...] reaparecia mais sofredor [...] abraçando-o, chamava-o de Romãozinho e o beijava-o dizendo-lhe coisas esquisitas, cheias de ternura” (DICKE, 2011, p. 70). Seus sentimentos pelo filho desaparecido são estáveis, não mudam com o tempo.

Já Rosendo se mostra sentimentalmente perturbado, ora está apaixonado, ora com ódio. Para Bakhtin (1998), “a própria substituição de imagens de um mesmo homem torna a série essencialmente humana” (234), os sentimentos oscilam entre luz e trevas. Contudo, “as ações, as palavras e as outras expressões do homem não se constituem somente numa manifestação exterior” e, sim na “essência interior do seu caráter”, para o teórico russo, é somente através da “sua exteriorização, sua expressividade, maturidade e audibilidade”, que “o caráter” passa a “possuir a plenitude da realidade, a plenitude da vida” (258).

Romanita antes de ter o seu destino ligado ao de Abadia também passa por uma transformação, “a passagem um modo de ser a outro, de uma situação existencial a outra” (ELIADE s/d, p.188). O que se desdobra para o crítico, faz desta, passagem simbólica, pode ser uma ponte, um caminho, ou uma porta, e “deve passar com os pés e as mãos nuas”, pois ela é “mais cortante do que uma foice e a passagem faz-se com sofrimento e agonia” (p.190) assim, como vimos neste trecho da narrativa:

Não sabia o que fazia, que pulava a janela e, sem fazer ruído, caminhava pelo quintal em direção do rio de onde vinham os chamamentos misteriosos. Machucou os pés descalços nos gravatás e, a cada instante que se lembrava, se encolhia, vestida de sua branca camisola, entre as sombras das árvores, com medo das coisas sem nome que agitavam as folhas em redor da casa, o receio de pisar nas cobras ou o contato noturno de feios bichos moles. A lua iluminava em cima os ramos e por

baixo ela passava, no chão gradeado de dourado e sombra. Folhas lhe tocavam os braços, as pernas, o rosto e tinham um tato frio (DICKE, 2011, p. 33).

Ao pular a janela da casa, Romanita deixa o seu quarto e com ele o calor, o conforto e segurança que sentia e, na passagem pelo caminho de “chamamentos misteriosos”, ela passa de um estado de pureza simbolizado por “sua branca camisola”, para o de conhecimento das coisas do mundo, o qual ela antes ignorava, o próprio caminho já é a indicação com o “chão gradeado de dourado e sombra”, como será sua vida depois da experiência da passagem, o dourado é luz e a sombra trevas, esta passagem lhe dará o conhecimento. Antes, se mostra um ser ignorante das coisas da vida e depois da passagem vira uma mulher, amadurece, e nesta fase adulta o ser humano deve decidir o próprio destino, se ele quer viver num universo sagrado simbolizado pela luz, ou profano simbolizado pelas trevas.

Assim, Eliade (s/d) argumenta que “uma vez nascido o homem ainda não está acabado; deve nascer uma segunda vez, espiritualmente; torna-se homem completo passando de um estado imperfeito, embrionário, a um estado perfeito, de adulto” (p. 188), como neste trecho, no qual vimos a transformação de Romanita, a imagem de mulher,

Desciam-lhe das pernas e das mãos aquosos riscos que ela não soube se eram sangue, e os pés descalços não doíam mais, ela não os via, sangravam também. Nem via sua roupa rasgada, a pele de azeite branco aparecendo nas bordas, embaixo dos seios, no ventre, em volta do umbigo e grande parte das coxas por onde, em tiras esfiapadas, o nascimento luminoso roxo e violeta do sol já se coando entre as galharias iluminava. E o frio do molhado de quando caíra no rio pregado à pele, amoldando-lhe as formas de mulher [...] (DICKE, 2011, p. 52).

Na transformação temos a imagem de “sangue”, “o nascimento do sol luminoso roxo e violeta” e a água, “o rio”. Na concepção de Eliade (s/d), o sangue é sagrado, por isso muito usado em rituais para ungir as coisas profanas, a fim de torná-las sagradas também e, o sol “traduz os valores religiosos da autonomia e da força, da soberania, da inteligência” (p.165), as cores usadas pelo autor também revelam o estado da personagem, pois “roxo e violenta” são símbolos do conhecimento. Por último o rio, a imagem da personagem ao cair e sair da água significa morte e renascimento, a “emersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal; a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das águas implica tanto a morte como a renascença” (ELIADE, s/d, p. 140).

Neste processo de transformação Romanita encontra Umbelina, e antes com seu filho abandonado nas margens do rio, o qual morrera em seus braços no momento da passagem pelo caminho que simbolicamente representa a vida, o nascimento para o entendimento, a

maturidade. Com a morte desta criança e o ato de abandonar a sua casa, Romanita inconscientemente está tomando decisões para o futuro, porque segundo Eliade (s/d):

A casa é um ninho, [...] implica rebanhos, filhos e um lar; numa palavra, simboliza o mundo familiar, social e econômico. Aqueles que escolheram a procura, o caminho para o Centro, devem abandonar toda a situação familiar e social, todo o ninho [...] (ELIADE s/d, p. 191)

Romanita foge da vila, suas intenções são de ir à procura de Rosendo, o namorado, encontra com Abadia e juntos, mais um cego, um espelho, e sacos de peixes, seguem viagem em uma carroça em direção à Guia. Neste momento, temos a representação do “tempo físico, que se apóia no princípio de causalidade” (NUNES, 1995, p.19), momentos em que Bakhtin (1998) descreve como “os aspectos particulares do tempo - deixa uma marca profunda e indelével no próprio homem e em toda sua vida” (p. 238).

A fuga com Abadia é um dos momentos culminantes na formação do caráter da personagem Romanita, pois ainda “incompleto, não revelado e fragmentário de início, ele torna-se completo e arredondado”, através “dos atos, das conversas e de outras manifestações e expressões” (BAKHTIN, 1998, p.259), como nas imagens quando ela decide roubar o diamante.

Primeiramente, temos imagens que revelam uma ambiguidade no caráter deste ser, como nesta em que ela se vê no espelho, “na semiobscuridade, refletia vagamente seus contornos. Não havia de ser nada, um espelho é só um espelho, tem de refletir as coisas, forçosamente” (DICKE, 2011, p.60), nas imagens seguintes já temos o momento da ação, os quais influenciaram no futuro da personagem, porque

ao ver seus reflexos empalidecidos, pensou no diamante que brilhava obscuro no bolso do negro. Esse pensamento lhe viera tão sem malícia que não viu mais que o diamante no centro duma luz, cintilando como estrela, tal como viu no côncavo da mão dele. Ajoelhou-se ao lado observando-o [...] Não sentia medo, assim mesmo como quando este a encarava. Leve, muito leve, abriu um dos botões da guaiaca [...] Com os dedos, puxou a caixa de fósforos e fechou de novo o botão. Com a caixa na mão, levantou-se (DICKE, 2011, p.76)

O espelho é obrigado a refletir o que está diante dele e, neste caso está revelando a personagem enquanto ser humano, o lado ambíguo se mostra a todo instante com as palavras usadas pelo autor, como “luz” e “obscuridade”. Ela rouba, sabe que é errado roubar, mas se defende com um discurso de superioridade

Será que o preto já acordara e dera pala falta da pedra? Arrependia-se e tinha raiva da palavra ladra. Não era isso; ladra? Mas ele estava bêbado, era um negro qualquer dormindo, um algoz dos animais. _Um negro qualquer dormindo... _se repetiu (DICKE, 2011, p.77)

Assim como Abadia, Romanita também procura se justificar pelos atos, se acha melhor que sua vítima, deste modo acredita ter mais direito sobre o diamante. Todas essas justificações são somente palavras, pensamentos que na verdade torna-os semelhantes, já que “o homem não tem uma natureza, um ser simples e homogêneo. Ele é uma estranha mistura de ser e não-ser. O lugar dele é entre estes dois pólos opostos” (CASSIRER, 2001, p. 26).

Romanita tem consciência de sua ação, a todo o momento repete para si: “_Tenho de devolver este diamante” (DICKE, 2011, p.78), mas assim como Abadia, abandona o juízo, “a fonte comum da verdade e da moralidade” (CASSIRER, 2001, p.20) e, diante da situação que se encontrava fica envolvida pelos sentimentos de poder. Se entrega ao desejo, a ambição, a imagem de um ser que antes desprezava, pois em sonho lembrou do dia em que a criança de Umbelina morreu em sua companhia e, “a mulher de olhos em brasa que dizia: _ Foi ela que matou a criança....” (DICKE, 2011, p.79). Conscientemente, Romanita não queria admitir, mas ela era como Abadia, capaz de matar e roubar por interesses próprios.

Na narrativa, cada ação tem uma consequência e, esses atos de Romanita afastaram para sempre Rosendo que a desprezara quando descobre que é uma ladra e, ainda lhe oferecer para compactuar com o que ela fez, como podemos ver nestas palavras:

_Ficaremos ricos, Rosendo... _disse ela, fitando-o._Ricos, mas sujos de sangue, e ladrões para sempre... Se me queres, joga essa pedra no rio. Se não, fica com ela e nada mais há entre nós. Ou eu ou o diamante, Romanita (DICKE, 2011, p. 102)

Romanita sem dizer palavra alguma escolhe o diamante, simplesmente com os gestos mostra para o namorado qual caminho escolheu para sua vida, pois “guarda lentamente a caixa com a pedra no bolso” (DICKE, 2011, p. 102). Ela troca o amor, os sentimentos, pela matéria, a pedra e todo o dinheiro que esta lhe dará, Rosendo também em silêncio lhe bate no rosto, depois a abandona dizendo: “_ Às ladras e a prostitutas se tratam assim, volta para o teu preto, se queres, que eu nada quero de ti...” (p. 103). Tanto a trama narrativa em geral, como a história da personagem Romanita no “texto narrativo possuem encadeamento de ordem temporal, conforme a sucessão dos fatos que o discurso evoca” está seguindo “a ordem objetiva do tempo físico”, todos esses acontecimentos são o efeito de suas ações anteriores, agora o seu presente e futuro são marcados pelas escolhas do passado (NUNES, 1995, p. 19).

3. 4 – O efeito do tempo

O romance *Os semelhantes*, é dividido em duas partes, na primeira vimos a busca por um ideal de vida, personagens capazes de tudo para conseguirem a realização de seus sonhos, cada um com uma história diferente do outro, mas todos unidos pelo destino. Na segunda temos um desfecho dramático, Abadia e Romanita sofrem por suas ambições, pois abandonaram todos os valores éticos, morais em troca de poder, dinheiro. “Entretanto, são esses momentos que determinam tanto a imagem definitiva do próprio homem, como o caráter de toda sua vida subsequente” (BAKHTIN, 1998, p. 238). Os cursos de suas vidas fundiram com os “seus principais momentos de crise, com seu caminho real e espacial, ou seja, com suas peregrinações” (p. 241), pois não ficaram felizes com o destino que tiveram.

Abadia virou mendigo e continuou sonhando em casamento com Umbelina. Esta desfrutou de todo o luxo que o diamante pode lhe proporcionar na convivência com Romanita em uma luxuosa casa de prostitutas, não era feliz porque amava Abadia e pensava nele todos os dias. Já Romanita nem todos os bens que possuía a fez esquecer Rosendo, vivia angustiada se sentindo solitária, sofria pela passagem do tempo cronológico que lhe tirou até a beleza da juventude.

Olhou-se outra vez no espelho redondo. Viu os pés-de-galinha, as rugas embaixo dos olhos, as olheiras [...] os lábios pintados em vermelho sangue e, [...] Olhou as bochechas gordas, pintadas de pó de arroz, um pouco excessivamente (DICKE, 2011, p.106)

O ser humano “é a criatura que está em constante busca de si mesmo – uma criatura que, em todos os momentos de sua existência” procura “examinar”, verificar “as condições de sua existência” (CASSIRER, 2001, p. 17), por isso Romanita se vê várias vezes no espelho e, este mais uma vez reflete o que ela é realmente, igual aquele momento no passado em que decidiu roubar Abadia, continua a mesma mulher, mas agora envelhecida pelo tempo, triste, amargurada pelas escolhas que fez, tanto que não tinha prazer em viver, na maior parte do tempo ficava dormindo para não ver as horas passarem, pois isto a torturava ao ponto de clamar a Deus por mudanças, como nas palavras abaixo:

A tarde é longa, tão sem fim como uma desesperança. Que fazer durante toda essa tarde, meu Deus? O relógio a cada hora batendo e eu estremecendo na cama. Por que na saio da cama? A cama é o meu refúgio [...] Oh, meu Deus, até quando? (DICKE, 2011, p.105)

Com a passagem do tempo cronológico, sem marcas pontuais no texto ficcional, a idade cada vez mais avançando no tempo e ela sozinha sem o seu namorado de juventude, Romanita sentia a necessidade de se livrar de tudo aquilo, do passado que a torturava pelas lembranças e, do presente que não lhe suscitava nada que pudesse fazer-lhe esquecer a existência de solidão e amargura, o seu desejo é que o tempo passasse rápido, que o ciclo de vida se cumprisse e, a morte chegasse logo, como podemos ver neste trecho da obra:

Uma mosca sentou-se em seus lábios, andava em sua boca; ela não se moveu.

Faz de conta que estou morta...

A mosca afinal voou em círculos. Apanhou de novo o espelho: olhou as rugas sob os olhos, pensando: hoje é meu aniversário, faço 40 anos, 40 anos! De repente, atirou-o no chão, que se quebrou em mil pedaços. Ficou outra vez imóvel, ouvindo o silêncio dentro do calor sobre a cidade. [...] Como o tempo custa a passar, meu Deus! [...] O tempo tem qualquer coisa de maldito, que dói, que arde, que adocece. Ah, não aguento, não suporto mais! (DICKE, 2011, p. 108)

O tempo para Romanita é como um martírio e, sabendo que chegaria a hora que não suportaria mais viver a realidade que se transformou a sua vida, já que “o espaço e o tempo são a estrutura em que toda a realidade está contida” (CASSIRER, 2001, p.73), ela não encontra razões para dar continuidade na existência, pois tudo o que está a sua volta, tanto no exterior, o espaço aonde vive, quanto no íntimo, a memória que não a deixa esquecer os erros cometidos no passado que afetaram toda a sua existência, prepara para deixar tudo o que tem para a companheira. Como nessa fala em que diz ter “o pressentimento mais forte de toda a sua vida [...] quando eu morrer, tudo isto, minhas seis casas, os bordéis, meus terrenos, tudo...” para Umbelina, pois ela não tinha “nenhum parente [...] todos morreram” (DICKE, 2011, p.110).

Umbelina antes deste momento a tinha como da família, mas derrepente começou a ter pensamentos diferentes, como quando Rosendo apareceu para ver Romanita. Ela entristeceu e, “a ideia a alcançou de repente, como um véu, e dominou-a toda. Algum dia ela seria dona disto tudo. E, com o coração tremendo, pensou em Romanita morta, dentro dum caixão, flores e vela” (DICKE, 2011, p.119). Seu desejo era de poder mandar buscar Abadia para viver com ela, pois sabia que ele estava,

vagando miserável, mendigando um copinho de pinga – lhe haviam contado tudo _ o seu pobre Abadia vagando ao Léo, como um traste. Oh não, haveria de dar-lhe as bebidas mais finas, as comidas mais caras, ele haveria de ter onde viver, satisfaria todas as suas vontades, embriagar-se-ia do que quisesse, do que bem entendesse (DICKE, 2011, p.126)

Romanita não demora muito para atender os desejos da companheira e, ao ser mais uma vez rejeitada pelo seu grande amor, Rosendo, se suicida com veneno. Umbelina a vê no momento da agonia e fica indecisa entre ajudá-la e deixá-la morrer, escolhe ignorá-la, fazer de conta que nada estava acontecendo e, esperar que o tempo resolva tudo perguntando para si mesma: “Quanto tempo leva para alguém que bebe formicida? [...] Será que já passou uma hora, meu Deus? [...] uma dor opressa misturada a um estranho sentimento de liberdade a invadia” (DICKE, 2011, p.130).

As circunstâncias fazem Umbelina despertar o lado sombrio de seu ser, fica dividida entre a liberdade, pois teria dinheiro e o possível amor de Abadia, que mesmo com o passar dos anos talvez ainda se lembrasse dela e, a amizade de Romanita que conviveu juntas durante muitos anos. Ela escolhe a liberdade, pois assim como Romanita ela também sofre pelo tempo que passou e, compreende que a única coisa que permanece e não se deteriora com o tempo, como também preenche o grande vazio da nossa existência são os sentimentos, o que o ser humano mantém dentro dele e é capaz de transmitir e receber de outros, como o amor. Percebemos isto neste trecho da obra no qual ela confessa o arrependimento por ter escolhido viver para os prazeres da carne:

Por culpa desses anos, sou obrigada a olhar os espelhos com um rancor que não diminui, antes aumenta, dia a dia. Ah, vinte anos, Senhor! Vinte anos parece que não passam, entretanto vinte anos passam como passa um mar de óleo, um mar de azeite. Que foram desses vinte anos, que foi da minha vida? Nada. É palavra mais triste que posso imaginar. Mas é verdade. Caras e caras sem fim, atrás de dias e noites, são a mesma coisa que nada. Nunca uma alma nobre, um coração generoso. Talvez o que mereci foi que esses anos passassem como horas passam sobre a face do nada. Oh, como dói o arrependimento tardio! (DICKE, 2011, p.157)

O tempo, aquele “que regula nossa existência cotidiana” (NUNES, 1995, p. 20) é vivido por Romanita e Umbelina como um “ritmo temporal profano”, porque para elas o tempo constitui a mais profunda dimensão existencial [...]”, que dizer na própria maneira de viver, “portanto tem um começo e um fim, que é a morte, o aniquilamento da existência” (ELIADE, s/d, p.83), o único tempo sagrado para as duas é aquele das lembranças, o tempo psicológico, o tempo da juventude, quando ainda tinham beleza, exterior e interior, beleza física e na alma, por isso Romanita não resiste quando Rosendo a abandona pela segunda vez e escolhe a morte como um fim para todos os seus sofrimentos.

Durkheim (2003), em seus estudos afirma que o ser humano jamais resiste à “dualidade” da própria “natureza” e que “conforme as circunstâncias” em que nos encontramos a “ação que exerce sobre nossos espíritos, é capaz de nos fazer ver as coisas sob a luz que nos convém (DURKHEIM, 2003, p. 237), assim acontece com Umbelina diante da morte da amiga, fica dividida entre a compaixão e a ambição ao esperar pelo desfecho do destino de Romanita, entre a vida e a morte, como nestas súplicas: “Que horas são, oh, meu Deus? Calque fundo, oh Deus, o veneno no seu ventre, faça-o fluir no seu sangue como um aroma e que ela chegue ao céu suavemente, ela que era tão boa e me deixou tudo isto e mais...” (DICKE, 2011, p.137). Este comportamento na concepção de Durkheim (2003) refere-se

as representações cuja trama constitui nossa vida interior são de duas espécies diferentes e irredutíveis entre si. Uma relacionam-se ao mundo exterior e material; as outras, a um mundo ideal ao que atribuímos uma superioridade moral sobre o primeiro. Somos, portanto, realmente feitos de dois seres que estão orientados em sentidos divergentes e quase contrários, sendo que um exerce sobre o outro uma verdadeira preeminência (DURKHEIM, 2003, p.276)

Umbelina está dividida, mas escolhe o “exterior e material” e, antes mesmo de saber se Romanita iria realmente morrer, manda buscar Abadia que chega ao momento do velório e reconhece que é aquela que lhe roubou o diamante, até então todos que conviviam com Romanita não sabiam que tudo aquilo era fruto de um roubo e Abadia faz questão de anunciar para todos dizendo: “_Esta casa é minha. Há vinte anos achei um diamante no garimpo. E sabem quem roubou de mim? Essa mulher...” (DICKE, 2011, p. 173), depois faz pouco do amor de Umbelina a vendo como sempre foi e, chama a todas aquelas mulheres de “Piranhas” e, mesmo depois de tudo que lhe aconteceu continuou com os pensamentos voltados para luxúria e o dinheiro, seus tormentos do passado não o abandonaram e, ele continuou no mundo das trevas, das sombras, das coisas profanas, como se a luz e todas as coisas que ela implica, como as coisas sagradas fossem ruínas, pois na concepção de Abadia viver rodeado de mulheres bonitas e beber até se embriagar é o que ele gostava, não conhecia outra vida que não aquela, a de toda a sua existência como garimpeiro.

Na concepção de Cassirer (2001), “o que caracteriza o homem é a riqueza e sutileza, a variedade e a versatilidade de sua natureza” (p. 25). O ser humano tem a capacidade de ser vários, se transforma de acordo com as circunstâncias, não existe nele só bondade, ou só maldade, cada um vive a realidade que conhece e, não podendo voltar o tempo para traz,

porque uma vez vivido, estes momentos ficam para sempre marcados na memória e história de sua existência.

CONCLUSÃO

N'Os semelhantes, de Ricardo Guilherme Dicke, encontramos uma produção literária a qual transmite por meio de imagens as diferenças sociais. Ele expõe as problemáticas que envolvem toda uma sociedade na constituição do espaço e dos valores. Através do enredo percebemos uma memória simbólica, um retorno ao passado, tanto nas descrições do espaço quanto do tempo, Dicke reconstrói poeticamente eventos históricos que fizeram parte da formação do Estado de Mato Grosso.

Por tratar de questões relacionadas ao humano, Dicke expõe nesta obra estudada, o homem movido pelos sentimentos e a revelação das consequências sobre as escolhas dos personagens. Deste modo, o romancista leva o leitor a refletir sobre a vida, tomar consciência de como somos vulneráveis diante dos percalços e nos deixamos dominar pelas coisas profanas.

Com os dramas vividos pelos personagens, a narrativa nos mostra que as escolhas que fazemos na vida são muito significativas, pois temos liberdade para escolher se queremos os prazeres do mundo, numa concepção de vida profana a qual não preenche em nada a nossa existência nos deixando seres vazios e atormentados como alguns personagens deste romance, ou uma imagem ética assumindo uma postura de civilização respeitando todas as suas normas e convenções, como também discursos e ideologias, ou por fim uma vida religiosa crendo que exista uma força, energia superior a nós que abrange todo o universo e, que é reversível, recuperável.

Sabemos que a sociedade é constituída por todas essas concepções de vida, no entanto, chega um determinado tempo em que os pensamentos mudam, os valores são transformados, substituídos por outros que condizem melhor com a época e a maneira de viver das comunidades e, para termos contato com aqueles valores primordiais faz-se necessário buscá-los por meio da escrita e, estes valores somente são encontrados nas histórias que fizeram parte de tempos remotos, quando a humanidade para se orientar observava a natureza e suas manifestações respeitando-a como sagrada.

Pensando assim, compreendemos que a literatura de Dicke devolve para o leitor por meio das narrativas, aquele tempo no qual o homem não era visto como superior e sim como parte do todo, o universo. Mas, também a sua evolução no tempo, se transformando em seres desprovidos de valores, preocupados somente em satisfazer os próprios desejos, ambiciosos e egoístas, capazes de tudo pelos ideais, como matar, roubar, mentir, enfim se transformar na imagem que melhor lhe convir.

Vendo por este prisma, as narrativas de Dicke são como um autorretrato da humanidade com tudo que a implica, desmitifica a pluralidade com que é formada a sociedade, pois nesta obra não encontramos nenhum personagem que se destacasse como principal, nem heróis, nem príncipes, nem mocinhos, todos aqueles estereótipos que representavam um determinado grupo social nas literaturas até o século passado, mas sim a realidade posta em representação, pois os seres fictícios são todos diferentes e iguais ao mesmo tempo, diferentes em seus costumes e rotinas, raças e valores, mas iguais na luta pela sobrevivência, na busca pela realização dos sonhos, na idealização do futuro. Dicke coloca em reconhecimento nas narrativas aquela sociedade que é desvalorizada pela simplicidade, rebeldia, marginalidade, enfim evidencia que nossa cultura é heterogênia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Emílio Cunha. *O retorno do religioso na pós-modernidade: uma leitura da filosofia de Gianni Vattimo*. Dissertação de Mestrado, UFJF: Juiz de Fora, 2005
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993
- BARBOSA, Everton Almeida. *Dicke: o autor do esquecimento e o esquecimento do autor*. In: MACHADO, Madalena; MAQUÊA, Vera (Orgs.). *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dicks*. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2009
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. Tradução de Aurora F. Bernadini; José P. Junior; Augusto Góes Júnior; Helena S. Nazário; Homero F. de Andrade. São Paulo: UNESP, 1998
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das letras, 1990
- CASSIER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fonseca, 2001
- DICKE, Ricardo Guilherme. *A proximidade do mar e a ilha*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011
- _____. *Cerimônias do esquecimento*. Cuiabá: UFMT, 1995
- _____. *Os semelhantes*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Editora Ática, 1994

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil, s/d

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991

MACHADO, Madalena. *Claro X Escuro: dicotomias existenciais*. Revista Ecos: 2ª Ed. Julho, Cáceres, 2004

_____. *Cerimônias do esquecimento, dialéticas em profusão*. In: MACHADO, Madalena; MAQUÊA, Vera (Orgs.). *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes*. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2009

_____. *Último horizonte no limiar de um sentido*. Anais do XI congresso internacional ABRALIC, USP: São Paulo, 2007

MAGALHAES, Hilda Gomes Dutra. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Brasília: Ministério de Integração Nacional: Universidade Federal de Mato Grosso, 2002

MIGUEL, Gilvone Furtado. *O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke*. Tese Doutorado – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de letras, 2007

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1995

SOARES, Lucinda Rueda (PG/UFMS); RODRIGUES, Kelcilene Grácia (UFMS) Anais do I- Encontro de Estudos Literários da UEMS. Campo Grande: 2010

VATTINO, Gianni. *O fim da modernidade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002